

O centro de uma Brasília histórica

HÉLIO DOYLE

A W-3 Sul era, nos primeiros anos de Brasília, a grande avenida de Brasília. Os que chegavam à nova capital estranhavam aquela avenida diferente, com residências geminadas de um lado, lojas de outro. Mas transitar pela W-3, a pé, de carro ou de ônibus, era essencial. Era lá que estavam as principais lojas, alguns dos melhores restaurantes e boates da cidade, os bancos e até um cinema - o Cine Cultura, que tinha poltro-

nas numeradas e era um dos dois do Plano Piloto (o outro era o Cine Brasília, na 106/107).

O Chez Willy, na 506, era um dos melhores e mais movimentados restaurantes de Brasília. Até o presidente Juscelino Kubitschek freqüentava. Muito movimentados também eram a boate Macumba e a lanchonete Mocambo. E onde hoje é a Biblioteca do INL funcionavam os restaurantes do GTB (Grupo de Trabalho de Brasília, o órgão que cuidava da transferência dos funcionários pú-

blicos). Um restaurante popular e outro um pouquinho mais sofisticado.

Algumas das principais lojas daqueles primeiros anos sobrevivem até hoje, como a Pioneira da Borracha e a Huddersfield. Outras duraram, mas já acabaram, como a Fofi, a Bibabô, a Casa do Barata. Sobrevivem também o Roma e o Kazebre 13, que disputavam os que saíam em busca de pizza e comida italiana.

Até a Casa Thomas Jefferson ficava na W-3, onde hoje existe

uma agência do Banco Itaú. E era para lá, na 510, que rumavam os estudantes que faziam suas passeatas na W-3. Jogar pedra na vitrine da Thomas era uma prática tão rotineira que o prédio construído depois na 706 não tem janelas, é imune a pedras. Em 1968, a Praça 21 de Abril passou a ser o centro das manifestações estudantis, para onde desciam os alunos do Caseb e do Elefante Branco.

Nos anos 60, a W-3 Sul era, de fato, o centro de Brasília.